

PRÍNCIPE LESTAT

E OS REINOS DE ATLÂNTIDA

ANNE RICE

ROCCO/INTRA

PRÍNCIPE
LESTAT

E OS REINOS DE ATLÂNTIDA

ANNE RICE

TRADUÇÃO
WALDÉA BARCELLOS

ROCCO|HUMAN

ESTE LIVRO É DEDICADO

*ao campeão mundial peso-bebê,
invicto e aposentado,*

a

*Mitey Joe
sem cuja existência o livro talvez não tivesse nascido,*

a

*meus velhos amigos,
Shirley Stuart e Bill Seely,*

a

*amigos e colegas escritores
de meus tempos no norte da Califórnia:
Cleo, Maria, Carole, Dorothy, Jim, Carolyn, Candy, Lee e outros,*

e,

mais uma vez,

a

*meus seguidores nas redes sociais, o Povo da Página,
que me dão tanto mais do que eu jamais poderei lhes dar.*

*Lembre-se dele – antes que se rompa o cordão de prata
e se quebre a taça de ouro;
antes que o cântaro se despedace junto à fonte,
a roda se quebre junto ao poço,
o pó volte a terra, de onde veio,
e o espírito volte a Deus, que o deu.*

– ECLESIASTES

Nova Versão Internacional

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Breve história dos vampiros: Gênese do Sangue

Jargão do Sangue

Proêmio

Parte I

ESPIÕES NO JARDIM SELVAGEM

1

Derek

2

Lestat

3

Garekyn

4

Lestat

5

Fareed

6

Lestat

7

Garekyn

8

Lestat

Château de Lioncourt

9

Derek

10

Lestat

11

Fareed

12

Derek

13

Lestat

14

Rhoshamandes

15

Lestat

16

Derek

Aix-en-Provence

17

Rhoshamandes

18

Lestat

Parte II

NASCIDOS PARA A ATLÂNTIDA

19

A história de Kapetria

20

Lestat

21

Lestat

22

Rhoshamandes

23

Derek

24

Fareed

Parte III

O CORDÃO DE PRATA

25

Lestat

26

Lestat

27

Lestat

28

Lestat

29

Fareed

30

Lestat

31

Lestat

32

Lestat

33

Lestat

Apêndice 1

Personagens e lugares nas Crônicas Vampirescas

Apêndice 2

Guia informal das Crônicas Vampirescas

Créditos

A Autora

Breve história dos vampiros: Gênese do Sangue

No princípio, eram os espíritos. Seres invisíveis, ouvidos e vistos somente pelos feiticeiros ou bruxas de maior poder. Alguns eram considerados malévolos, outros eram louvados pela bondade. Eles podiam encontrar objetos perdidos, espiar inimigos e, de vez em quando, afetar as condições do tempo.

Duas grandes bruxas gêmeas, Mekare e Maharet, moravam num belo vale na encosta do monte Carmelo e se comunicavam com os espíritos. Um desses espíritos, o terrível e poderoso Amel, em suas maldades, conseguia extrair sangue de seres humanos. Minúsculas partículas de sangue penetraram no mistério alquímico do espírito, muito embora ninguém soubesse como isto se deu. Amel, porém, amava a bruxa Mekare e estava sempre disposto a servi-la. Ela o via como nenhuma outra bruxa jamais o havia visto e ele a amava por isso.

Um dia, as tropas de um inimigo chegaram – soldados da poderosa Rainha Akasha, do Egito. Ela queria as bruxas, queria seus conhecimentos, seus segredos.

Essa soberana perversa destruiu o vale e os povoados de Mekare e Maharet, e levou as irmãs à força para o próprio reino.

Amel, o furioso espírito familiar da bruxa Mekare, quis castigar a rainha.

Quando ela jazia à morte, apunhalada repetidamente por conspiradores da própria corte, esse espírito, Amel, entrou nela, se fundindo com seu corpo e seu sangue, conferindo à rainha uma vitalidade nova e aterradora.

Essa fusão fez com que viesse ao mundo uma nova entidade: o vampiro, o bebedor de sangue.

A partir do sangue dessa grande rainha dos vampiros, Akasha, foram criados pelos milênios afora todos os outros vampiros do mundo inteiro. Uma troca de sangue era o modo de procriação.

Para punir as irmãs, que firmaram posição contra ela e seu novo poder, Akasha cegou Maharet e arrancou a língua de Mekare. Contudo, antes que elas fossem executadas, o intendente da rainha, Khayman, ele próprio um bebedor de sangue recém-criado, transmitiu para as gêmeas o poderoso Sangue.

Khayman e as gêmeas chefiam uma rebelião contra Akasha, mas não conseguiram parar sua seita de deuses bebedores de sangue. Com o tempo, as gêmeas foram capturadas e separadas – exiladas como párias –; Maharet, para a região do mar Vermelho; Mekare para o enorme oceano a oeste.

Maharet logo encontrou plagas conhecidas e prosperou, mas Mekare, carregada até o outro lado do oceano para terras ainda não descobertas e sem nome, desapareceu da história.

Isso foi há seis mil anos.

A grande Rainha Akasha e seu marido, o Rei Enkil, emudeceram depois de dois mil anos, sendo mantidos como estátuas num santuário por anciãos e sacerdotes, que acreditavam que Akasha continha o Cerne Sagrado – e que, caso ela fosse destruída, todos os bebedores de sangue do mundo morreriam com ela.

No entanto, já no início da Era Comum, a história do Gênese do Sangue estava totalmente esquecida. Somente alguns imortais mais velhos a passavam adiante, embora eles próprios não acreditassem nela enquanto a contavam. No entanto, deuses do sangue, vampiros consagrados à antiga religião, ainda reinavam em santuários pelo mundo afora.

Aprisionados em troncos ocos de árvores ou em celas construídas com tijolos, esses deuses do sangue passavam fome de sangue até os festivais sacros, nos quais lhes eram trazidas oferendas: malfeitores a serem julgados e condenados, com quem podiam se banquetear.

Na aurora da Era Comum, um ancião, encarregado de cuidar dos Pais Divinos, abandonou Akasha e Enkil no deserto, para que o sol os destruísse. Pelo mundo inteiro, jovens bebedores de sangue pereceram, queimados até a morte em seus caixões, seus santuários, ou fulminados ali mesmo onde estivessem, enquanto o sol brilhava sobre a Mãe e o Pai. Mas a Mãe e o Pai em si eram fortes demais para morrer. E muitos dos mais antigos também sobreviveram, embora gravemente queimados e atormentados por dores.

Um bebedor de sangue recém-criado, um sábio estudioso romano chamado Marius, foi ao Egito descobrir onde estavam o rei e a rainha e protegê-los, para que nenhum holocausto jamais voltasse a devastar o mundo dos mortos-vivos. E a partir de então Marius fez deles sua responsabilidade sagrada. A lenda de Marius e Daqueles que Devem Ser Preservados perdurou por quase dois milênios.

No ano de 1985, a história desse Gênese do Sangue foi contada a todos os mortos-vivos do mundo. O fato de que a rainha vivia, de que ela continha o Cerne Sagrado, fazia parte da história. Ela apareceu num livro escrito pelo vampiro Lestat, que também relatou a história em música e dança, em filme e no palco, onde ele se apresentava como cantor de rock – conclamando o mundo para conhecer e destruir a própria espécie.

A voz de Lestat despertou a rainha de milênios de sono e silêncio. Ela acordou com um sonho: o de que dominaria o mundo dos seres humanos através da crueldade e da carnificina, e se tornaria para eles a Rainha dos Céus.

Mas as gêmeas ancestrais se apresentaram para deter Akasha. Elas também tinham ouvido as músicas de Lestat. Maharet suplicou à rainha que parasse com sua supersticiosa tirania do sangue. E Mekare, perdida havia tanto tempo, se erguendo da terra depois de eras sem conta, decapitou a grande rainha e acolheu dentro de si o Cerne Sagrado ao devorar o cérebro da moribunda. Mekare, sob a proteção de sua irmã, se tornou a nova Rainha dos Condenados.

Mais uma vez foi Lestat quem escreveu a história. Ele estava presente. Tinha visto com os próprios olhos a transmissão do poder. Deu seu testemunho a todos. O mundo mortal não prestou a menor atenção às “invencionices” dele, mas seus relatos chocaram os mortos-vivos.

E assim a história das origens e das batalhas antigas, dos poderes e das fraquezas dos vampiros e de guerras pelo controle do Sangue das Trevas passou a ser um conhecimento compartilhado pela tribo dos mortos-vivos no mundo inteiro. Ela se tornou propriedade de antigos que jaziam em coma havia séculos em cavernas ou sepulturas, de jovens criados de modo inconsequente em selvas, pântanos ou em favelas urbanas, que nunca tinham imaginado quem seriam seus antepassados. Ela se tornou a propriedade de sobreviventes sábios e reclusos, que viviam em isolamento pelos séculos afora.

Tornou-se o legado de todos os bebedores de sangue no mundo inteiro saber que eles tinham um vínculo em comum, uma história em comum, uma

origem em comum.

Príncipe Lestat é a história de como esse conhecimento mudou a tribo e alterou seu destino para sempre. Reunida por uma crise, a tribo em conjunto implora a Lestat que se torne seu líder.

Príncipe Lestat e os reinos de Atlântida explora em grau cada vez mais profundo a história dos vampiros, à medida que a tribo, governada por Lestat, enfrenta os piores desafios que jamais encontrou.

Jargão do Sangue

Quando escreveu seus livros, o vampiro Lestat usou uma quantidade de termos que lhe foram ensinados pelos vampiros que tinha encontrado na vida. E esses vampiros que ofereceram acréscimos à sua obra, apresentando suas memórias e suas experiências em forma escrita, adicionaram termos próprios, alguns muito mais antigos do que aqueles um dia revelados a Lestat.

Segue-se uma lista desses termos, que agora são comuns entre os mortos-vivos do mundo inteiro:

O Sangue – Quando a palavra está com a letra inicial maiúscula, ela se refere ao sangue vampiresco, transmitido do mestre para a cria por meio de uma troca profunda e com frequência perigosa. “No Sangue” indica que se fala de um vampiro. O vampiro Lestat estava “no Sangue” havia mais de duzentos anos, quando escreveu seus livros. O famoso vampiro Marius está no Sangue há mais de dois milênios. E assim por diante.

Bebedor de Sangue – O termo mais antigo para “vampiro”. Esta era a designação simples usada por Akasha, que ela mais tarde procurou suplantar com as palavras “deus de sangue” para os seguidores de seu caminho espiritual e sua religião.

Esposa de Sangue ou Esposo de Sangue – O companheiro vampiresco de um vampiro.

Filhos de Satã – Designação para vampiros da Antiguidade tardia e de períodos posteriores, que acreditavam ser literalmente filhos do diabo e estar servindo a Deus, através de Satã, quando se alimentavam de seres humanos. Sua atitude diante da vida era puritana, voltada para a penitência. Eles se negavam todos os prazeres, a não ser o de beber sangue e eventuais sabás (grandes reuniões), nos quais dançavam. Viviam dentro da terra, quase sempre em catacumbas e masmorras lúgubres e imundas. Desde o século XVIII não se veem os Filhos de Satã nem se tem notícia deles. É muito provável que a seita tenha se extinguido.

Filhos dos Milênios – Designação para imortais que viveram mais de mil anos, e especificamente para aqueles que sobrevivem há mais de dois milênios.

Filhos da Noite – Designação para todos os vampiros, ou para todos os que estão no Sangue.

O Dom da Nuvem – Esta é a capacidade que vampiros mais velhos têm de desafiar a gravidade, se elevar e se movimentar na atmosfera superior, cobrindo grandes distâncias com facilidade, se deslocando com os ventos, sem serem vistos por quem está embaixo. Ninguém sabe dizer quando um vampiro pode adquirir esse poder. A vontade de tê-lo pode fazer milagres. Todos os vampiros realmente antigos possuem este dom, quer saibam, quer não. Alguns vampiros desprezam esse poder e nunca o usam, a menos que sejam forçados.

A Assembleia dos Articulados – Expressão de gíria moderna, popular entre os mortos-vivos, para designar os vampiros cujas histórias aparecem nas Crônicas Vampirescas – em especial Louis, Lestat, Pandora, Marius e Armand.

O Dom das Trevas – Designação do poder vampiresco. Quando um mestre concede o Sangue a uma cria, esse mestre está lhe oferecendo o Dom das Trevas.

O Artífício das Trevas – Refere-se ao ato da transformação real do novo vampiro. Esgotar o sangue da cria e substituí-lo com o Sangue poderoso do próprio mestre é operar o Artífício das Trevas.

A Estrada do Diabo – Expressão medieval usada entre os vampiros para designar o caminho que cada vampiro segue pelo mundo afora; popular entre os Filhos de Satã, que consideravam que estavam servindo a Deus através do serviço ao diabo. Percorrer a Estrada do Diabo era levar a vida de imortal.

O Dom do Fogo – Esta é a capacidade de vampiros mais antigos de utilizar seu poder telecinético para queimar a matéria. Através do poder da mente, eles podem queimar madeira, papel ou qualquer substância inflamável. E também podem queimar outros vampiros, esquentando o Sangue no corpo do outro para reduzi-lo a cinzas. Somente vampiros mais velhos possuem esse poder, mas ninguém pode dizer quando e como um vampiro o adquire. Um vampiro muito jovem criado por um dos antigos pode possuí-lo de imediato. O vampiro precisa ver o que pretende queimar. Em

suma, nenhum vampiro tem como queimar outro se não conseguir vê-lo, se não estiver perto o suficiente para direcionar o poder.

A Primeira Geração – Constitui os vampiros descendentes de Khayman, que se rebelaram contra a Rainha Akasha.

Cria – Um vampiro novo, muito jovem no Sangue. A descendência de um vampiro no Sangue. Por exemplo, Louis é cria de Lestat. Armand é cria de Marius. A antiga Maharet é cria de sua irmã gêmea, Mekare, que é cria do antigo Khayman é cria de Akasha.

O Pequeno Gole – Roubar sangue de uma vítima mortal sem que ela perceba ou sinta, sem que a vítima tenha que morrer.

Criador – Termo simples para o vampiro que trouxe alguém para o Sangue. Está sendo aos poucos substituído pelo termo “mentor”. Às vezes também se faz referência ao criador como “mestre”. Contudo, este termo deixou de ser usado. Em muitas partes do mundo, é considerado um grave pecado se insurgir contra o próprio criador ou tentar destruí-lo. Um criador jamais consegue acesso aos pensamentos de sua cria e vice-versa.

O Dom da Mente – Esta é uma expressão vaga e imprecisa que se refere aos poderes sobrenaturais da mente vampiresca sob muitos aspectos. Por meio do Dom da Mente um vampiro pode tomar conhecimento de fatos do mundo, mesmo quando está dormindo dentro da terra. E, ao usar de modo intencional o Dom da Mente, pode escutar por telepatia os pensamentos de mortais e imortais. Pode usar o Dom da Mente para captar imagens de outros, assim como palavras. E para projetar imagens na mente de outros. E, por fim, pode usar o Dom da Mente para, por meio da telecinesia, destrancar uma fechadura, empurrar uma porta para abri-la ou deter o movimento de um motor. Também nesse caso os vampiros desenvolvem o Dom da Mente aos poucos, com o tempo, e somente os mais antigos conseguem saquear a mente de outros em busca de informações que estes não queiram lhes passar; ou podem desferir um golpe telecinético que destrua o cérebro e as células sanguíneas de um ser humano ou de outro vampiro. Um vampiro consegue prestar atenção a muitos no mundo inteiro, ouvindo e vendo o que outros ouvem. No entanto, para uma destruição telecinética, ele ou ela precisa ver a vítima que pretende atingir.

A Rainha dos Condenados – Título dado à vampira Mekare por sua irmã, Maharet, quando Mekare tomou o Cerne Sagrado e o engoliu. Foi

irônico. Akasha, a rainha derrubada, que tinha procurado dominar o mundo, chamara a si mesma de Rainha dos Céus.

- O Sangue da Rainha** – Constitui os vampiros criados pela Rainha Akasha para seguir seu caminho no Sangue e combater os rebeldes da Primeira Geração.
- O Cerne Sagrado** – Designa o cérebro residente ou a força vital governante do espírito Amel, que está dentro do corpo do vampiro Lestat. Antes de Lestat, ele estava em Mekare. Antes de Mekare, estava na vampira Akasha. Acredita-se que cada vampiro no planeta esteja ligado ao Cerne Sagrado por meio de uma espécie de teia ou rede de tentáculos invisíveis. Se o vampiro que contém o Cerne Sagrado fosse destruído, todos os vampiros do planeta morreriam.
- O Jardim Selvagem** – Expressão usada por Lestat para o mundo, condizente com sua crença de que as únicas leis verdadeiras do universo são leis estéticas, as leis que governam a beleza natural que vemos à nossa volta no planeta.
- O Dom do Encantamento** – Refere-se ao poder que os vampiros têm de confundir, enganar e enfeitiçar mortais e às vezes outros vampiros. Todos os vampiros, até mesmo os novatos, possuem este poder até certo ponto, embora muitos não saibam usá-lo. Ele envolve um esforço consciente de “convencer” a vítima da realidade que o vampiro deseja que ela aceite. Ele não escraviza a vítima. Mas decerto a confunde e desorienta. Este dom depende do contato visual. É impossível enfeitiçar alguém a distância. Na verdade, com maior frequência ele envolve palavras, além de olhares. E decerto também o Dom da Mente em algum grau.
- Os Mortos-Vivos** – Designação comum para vampiros de todas as idades.

Proêmio

Em meus sonhos, vi uma cidade tombar, afundando no mar. Ouvei os gritos de milhares. Era um coro tão forte quanto o vento e as ondas, todas as vozes dos moribundos. Vi labaredas que refulgiam mais que os luzeiros no céu. E um abalo atingiu o mundo inteiro.

Acordei no escuro, sem conseguir sair do caixão na câmara em que dormia para evitar que o sol poente queimasse os jovens.

Eu agora retinha a raiz da imensa planta vampiresca na qual eu um dia tinha sido apenas mais uma flor exótica. E se eu fosse cortado, golpeado ou queimado, todos os outros vampiros da planta conheceriam a dor.

Será que a própria raiz sofreria? A raiz pensa, sente e fala quando quer. E a raiz sempre sofreu. Só aos poucos eu tinha chegado a perceber isso – como era profundo o sofrimento da raiz.

Sem mover os lábios, perguntei-lhe:

– Amel, que cidade era aquela? De onde veio esse sonho?

Ele não me deu resposta. Mas eu sabia que ele estava ali. Podia sentir em minha nuca a pressão morna que sempre indicava que ele estava ali. Não tinha se mandado por algum dos muitos ramos da teia enorme, para sonhar com algum outro.

Vi a cidade moribunda mais uma vez. Eu poderia ter jurado que ouvi a voz *dele* aos gritos quando a cidade se partiu.

– Amel, o que isso significa? Que cidade é essa?

Ficávamos deitados juntos no escuro desse jeito por uma hora. Só então não haveria perigo em eu abrir a tampa do caixão e sair andando da cripta para ver, para lá das janelas, um céu cheio de estrelas minúsculas e seguras. Nunca extraí muito consolo das estrelas, embora eu tenha nos chamado de filhos da lua e das estrelas.

Nós somos os vampiros do mundo, e já nos chamei por muitos nomes desse tipo.

– Amel, responda.

Cheiro de cetim, de madeira antiga. Gosto de coisas sazoadas, veneráveis; caixões acolchoados para o sono dos mortos. E do ar morno, abafado, em volta de mim. Por que um vampiro não gostaria desse tipo de coisa? Esta é minha câmara de mármore, meu lugar, minhas velas. Esta é a cripta no subsolo do meu castelo, meu lar.

Achei que o ouvi suspirar.

– Quer dizer que você a viu. Você sonhou com ela também.

– Eu não sonho quando você sonha! – respondeu ele, com irritação. – Não fico confinado aqui enquanto você dorme. Vou aonde eu quiser ir. – Será que era verdade?

Mas ele a tinha visto, e agora eu via a cidade mais uma vez em lampejos luminosos em meio à sua destruição. De repente, aquilo era mais terrível do que eu podia suportar. Era como se estivesse vendo a miríade de almas libertadas dos corpos dos mortos se erguendo num vapor.

Ele estava vendo. Eu sabia que sim. E ele tinha visto tudo quando eu estava sonhando.

Daí a um tempo, ele me disse a verdade. Eu tinha aprendido a reconhecer o tom de sua voz secreta quando ele admitia a verdade.

– Não sei o que é – disse ele. – Não sei o que significa. – Mais um suspiro. – Não quero ver.

Na noite seguinte e na posterior, ele diria a mesma coisa.

E, quando relembro aqueles sonhos, eu me pergunto quanto tempo ainda poderíamos ter passado sem jamais saber nada daquilo.

Será que estaríamos em melhor situação se nunca tivéssemos descoberto o significado do que víamos?

Teria feito diferença?

Tudo mudou para nós, e, no entanto, nada mudou de modo algum. E as estrelas para lá das janelas de meu castelo no monte não me confidenciam nada. Mas isso elas nunca fazem, não é mesmo? É a sina das criaturas ver desenhos nas estrelas, dar-lhes nomes, valorizar seus agrupamentos e posições que se alteram lentamente. Mas as estrelas nunca dizem palavra alguma.

Ele estava sendo franco quando disse que não sabia. Mas o sonho tinha feito ressoar o medo em seu coração. E quanto mais eu sonhava com aquela cidade que ia afundando no mar, mais certeza tinha de que ouvia o choro dele.

Em sonhos e nas horas de vigília, ele e eu éramos unidos como ninguém mais. Eu o amava, e ele me amava. E eu soube então, como sei agora, que o

amor é a única defesa que chegamos a ter contra a gélida falta de sentido em torno de nós – o Jardim Selvagem, com seus gritos e trinados, e o mar, o mar eterno, pronto como sempre a engolir todas as torres um dia criadas pelos seres humanos para chegar ao céu. O amor tudo sustenta, em tudo crê, tudo espera, tudo suporta, diz o apóstolo. “E a maior de todas as virtudes é o amor...”

Eu acreditava nisso, e creio no antigo mandamento do santo-poeta que escreveu centenas de anos depois do apóstolo: “Ama e faz o que quiseres.”

Parte I

ESPIÕES
NO
JARDIM SELVAGEM

Derek

FAZIA HORAS que eles estavam conversando lá em cima. Se ficasse deitado, sem se mexer, Derek conseguia ouvi-los perfeitamente. A essa hora, a Andrassy Út estava ruidosa acima dele, com seus cafés e livrarias, mas essa úmida mansão oculta de câmaras subterrâneas estava em silêncio. E que outra coisa Derek poderia fazer além de escutar?

Derek era alto, com a pele moreno-escuro e grandes olhos escuros que o faziam parecer jovem e vulnerável. Seu cabelo preto e ondulado estava repartido no meio e tinha crescido até pouco abaixo dos ombros. Uma mecha loura, larga e inconfundível, começava no repartido central, seguindo para a esquerda, mais dourada do que amarela. Ele vestia uma camisa velha, rala, imunda de poeira, e a calça social preta que estava usando dez anos antes, quando tinha sido capturado. Estava sentado no catre, no canto de sua cela no calabouço, encostado na parede, com a cabeça baixa e os braços cruzados, enquanto ouvia.

Roland, o terrível senhor da casa e do calabouço, falava sem parar.

O convidado de Roland era um dos antigos, chamado Rhoshamandes. E esse Rhoshamandes falava com veemência de alguém que ele chamava de “o Príncipe”, que queria destruir. Quantos desses bebedores de sangue existiam? Outros passavam por essa casa de vez em quando, mas nunca permaneciam. Outros tinham falado desse Príncipe também. Derek prestava atenção, mas sem esperança.

Rhoshamandes era poderoso: isso Derek podia ouvir na voz e nas batidas do coração do bebedor de sangue. Era muito provável que fosse mais velho do que Roland, muito mais velho, mas ele e Roland eram amigos.

Esse Rhoshamandes empolgava Roland. Era para Roland algum tipo de privilégio que o lendário Rhoshamandes agora o procurasse em busca de conselhos.

Roland era o bebedor de sangue que tinha aprisionado Derek, atraindo-o do teatro da ópera havia anos, para encarcerá-lo nessa cela nos subterrâneos da cidade de Budapeste. Era Roland que descia a escada pelo menos uma vez por semana para beber o sangue de Derek, para provocá-lo e rir dele.

Roland era alto, ossudo, macilento de dar pena, com o cabelo branco, liso e comprido, preso por uma presilha de bronze na nuca, que deixava uma faixa branca descer por suas costas. Ele tinha os olhos mais cruéis que Derek já havia visto; e sorria quando falava, o que tornava totalmente sinistros seus comentários desagradáveis mais banais.

Derek tinha tido anos para estudar Roland, que parecia viver em elegantes trajes a rigor, com smokings de corte perfeito, de veludo em tons escuros, com lapelas de cetim, coletes vistosos de seda estampada e camisas engomadas com os punhos e o colarinho duros como papelão. Suas botas, de verniz preto, pareciam ser simples sapatos sociais por baixo da bainha da calça de pregas na cintura, e uma enorme echarpe fina com franjas estava sempre em volta do seu pescoço. Ele esgotava o sangue de Derek sem jamais desperdiçar uma gota. Usava luvas de pelica tão finas que mostravam os nós ossudos dos dedos; e seu rosto cadavérico com os grandes olhos cinzentos era a encarnação do desdém sarcástico.

E ainda havia Arion, de pele negra e lustrosa, o ferido, queimado e infeliz, que tinha visto sua casa na costa da Itália ser destruída. Ele era muito mais recente “no Sangue” do que Roland, e durante meses havia bebido de Derek todas as noites. Agora, vinha algumas vezes por semana. Esfarrapado, Arion viera procurar Roland, e este o tinha reconfortado e recuperado, fazendo com que sua alma voltasse à saúde enquanto eles falavam na antiga língua grega dos tempos de outrora, quando Roma governava o mundo e tudo, aparentemente, era melhor. É claro. Melhor. Dava para perdoar os seres humanos por esse tipo de tolice, mas como perdoar os imortais que tinham vivido naquela época?

Em Arion havia uma espécie de delicadeza, bem como em seu coração uma pena de Derek, que sentia isso quando Arion estava bebendo dele. Arion também lhe trazia de vez em quando presentes de frutas e vinho dos bons. Derek via a história e a dor de Arion em flashes – um grande solar à beiramar incendiado; jovens bebedores de sangue imolados; uma bebedora de sangue morrendo queimada, com o cabelo vermelho pegando fogo e desaparecendo nas chamas. Só Arion tinha sobrevivido a esse ataque a sua casa

e ao massacre de seus mais velhos companheiros. Arion procurou abrigo com Roland, e este tentou dar a Arion coragem para “seguir em frente”.

A pele de Arion era realmente negra como carvão, e seus olhos eram graves e pensativos, olhos de um verde muito claro, que pareciam quase amarelos. Seu cabelo era cortado curto, como um capacete de cachos negros sedosos; e seu rosto lembrava a Derek o de um querubim. Quando ele chegara ali, sua pele estava manchada, com cicatrizes brancas e rosadas; e seu pescoço e tórax haviam sido tão queimados que ele mal conseguia falar, mas estava se recuperando rápido. E Derek tinha a impressão de que a pele de Arion estava se tornando mais escura, apesar de não saber por quê.

Mais cedo naquela noite, esse poderoso Rhoshamandes tinha dado a Arion o próprio sangue antiquíssimo e capaz de curar. Era esse o costume dessas criaturas, oferecer o próprio sangue ao anfitrião ou ao hóspede ferido, fazer uma troca de sangue quando permaneciam algum tempo sob o teto uns dos outros, ofertar sangue como, nos tempos de outrora, os humanos ofereciam alimentos, bebidas e abrigo como sinal de hospitalidade.

Quando bebiam, eles abriam a mente, quer quisessem, quer não.

Mas a verdade é que o mesmo acontecia com Derek quando bebiam dele. E assim eles tomavam conhecimento do que sabiam a respeito dele, muito embora ele fizesse um esforço desesperado para esconder seus pensamentos.

Que valor teria para eles conhecer seus segredos mais íntimos? Derek não sabia, mas ocultava tudo e sempre haveria de fazê-lo.

“Você não vai ficar aqui para sempre”, pensava ele sozinho, em silêncio. “Um dia desses, quando esses monstros da noite estiverem dormindo, indefesos, você vai sair daqui e encontrar os outros. Se você está vivo, eles devem estar vivos.” Ele fechou os olhos e contemplou o rosto dos outros, como se lembrava deles. Durante a maior parte do século XX, Derek tinha andado à procura deles. Essa era sua terceira “vida” perambulando pela Terra, buscando pelo menor vestígio deles. Mas essa era uma época diferente de qualquer outra, e Derek tinha entrado no século XXI com uma esperança ainda maior de encontrar os outros, só para acabar caindo na armadilha desse monstro bebedor de sangue.

Agora ele estava chorando. Nada bom. Ele não conseguia ouvir o que diziam lá em cima.

Respirou fundo, tranquilamente. E voltou a escutar.

“O Príncipe”, que Rhoshamandes odiava, era um jovem bebedor de sangue, rebelde, sem mérito algum, chamado Lestat, que tinha feito algo

“execrável” a Rhoshamandes, decepando-lhe a mão esquerda e depois o braço. Eles tinham sido postos no lugar de volta, esses membros, já que isso era possível em bebedores de sangue, mas Rhoshamandes jamais poderia perdoar a lesão, nem aceitar “o perdão”. Pois, apesar do perdão, aonde quer que ele fosse agora, ele tinha o sinal de Caim.

Derek sabia o que isso era, o sinal de Caim. Quando tinha despertado nesse tempo, foi um padre pobre no Peru quem o educou e lhe ensinou os costumes do mundo – numa aldeia rural não muito diferente daquela que Derek havia abandonado milhares de anos antes, transferindo-se para as cavernas congeladas dos picos das montanhas. Derek tinha aprendido a religião do homem de trás para a frente e lera muitas vezes as escrituras bíblicas em espanhol. Só bem no meio do século Derek descera até as cidades da América do Sul; e levou décadas para aprender a grande literatura do período atual em espanhol, português e em inglês. O inglês tinha se revelado a língua mais útil quando Derek viajou pela América do Norte e pela Europa.

Roland havia trazido livros para esse calabouço – livros que Derek lera repetidas vezes. *Die Bibel nach Martin Luther*; a *Encyclopaedia Britannica*; um exemplar em alemão e inglês do *Fausto* de Goethe; as obras de Shakespeare em muitos volumes pequenos e em mau estado, alguns em alemão, alguns em inglês, alguns em outras línguas; romances de Tolstói em russo; um romance francês intitulado *Madame Bovary*; e livros de “espionagem” em inglês, dos tempos atuais.

Livros sobre ópera. Roland adorava ópera. Foi esse o motivo para ele ter construído esse refúgio para si mesmo a alguns quarteirões do teatro da ópera. Livros com textos de óperas, sim, ele os empilhava no chão para Derek. Mas a melodia dessas óperas praticamente tinha escapado da memória de Derek, que havia visto e ouvido apenas um punhado de apresentações belas e impressionantes, quando Roland o atraía para aquela armadilha. Para Derek, a ópera fora uma descoberta recente e uma das mais empolgantes que tinha chegado a fazer.

Derek conseguia aprender qualquer língua em questão de minutos, de modo que, com os livros, seu alemão e seu francês estavam melhores do que nunca; mas ele ficava perturbado por não saber como era o som do russo. Na maior parte do tempo, Roland falava inglês, mesmo quando não estava se dirigindo a Derek, que falava inglês quando foi capturado. A língua preferida de Arion era o inglês também. E o mesmo ocorria com esse tal de Rhoshamandes, que morava na Inglaterra, numa casa majestosa,

aparentemente muito parecida com essa mesma, só que em algum local solitário à beira-mar. O inglês, a língua flexível do mundo.

Estava claro que Rhoshamandes era desprezado entre os bebedores de sangue. Ele tinha assassinado um dos antigos. E atribuía a culpa disso a Amel.

Amel.

Lá estava de novo esse nome, Amel!

Na primeira vez que o nome tinha vindo à tona na mente de Roland, Derek mal havia acreditado. *Amel*. Era esse um motivo para seu cativo? Ou a menção do nome teria sido mera coincidência?

A mente de Derek deu uma guinada para o passado, para bem longe, para o início de tudo – quando os Pais lhe davam instruções antes que ele pusesse os pés neste planeta.

– Agora você tem a mente de um mamífero e vai se descobrir procurando significado onde não existe significado, procurando padrões onde não há padrões. É o que os mamíferos fazem. Essa é apenas uma das muitas razões pelas quais nós o estamos enviando...

Ele fechou os olhos. Pare com isso. Concentre-se no que *eles* estão dizendo! Esqueça-se dos Pais. Pode ser que nunca mais volte a ver os Pais... ou qualquer um dos outros, seus entes queridos.

Rhoshamandes estava ficando uma fera:

– Nova York, Paris, Londres, aonde quer que eu vá, eles estão lá me julgando, me amaldiçoando. Cospem em mim, jovens e velhos. Não se atrevem a tentar me ferir, mas me provocam, sabendo que não ousarei feri-los!

– Por que você não revida? – perguntou Roland. – Por que não dá uma lição a alguns deles? A notícia vai se espalhar e...

– E eu receberei uma visita dos poderosos, não é mesmo? O grande Gregory Duff Collingsworth e a Grande Sevraine! Eu poderia derrotar com facilidade qualquer um deles, mas não dois ou três deles. E, então, seria levado de novo à força diante do Príncipe? Enquanto estiver com Amel dentro de si, ele é intocável. E já não quero entrar em guerra com eles. Quero ser como eu era antes. Quero que me deixem em paz, sozinho!

A voz da criatura ficou embargada quando ele disse “sozinho”. E agora com aquela voz suave, ligeiramente indistinta, confessou a Roland que seu companheiro de longa data, Benedict, o tinha deixado, culpado por tudo e desaparecido.

– Acho que ele está com eles. Acho que está com eles na tal corte que têm na França, ou que está morando em Paris... – Ele se interrompeu. – Sei que está na corte – confessou, então. – É uma agonia dizer isso. Ele está morando com eles.

– Bem, não sou seu inimigo, já lhe disse isso – disse Roland. – Você é bem-vindo nos meus domínios a qualquer hora. É bem-vindo aqui por todo o tempo que quiser ficar. – Roland fez uma pausa por um instante e, então, prosseguiu: – Não quero problemas com esse novo regime, esse Príncipe e seus ministros. Quero que as coisas continuem como eram.

– É isso o que quero também – disse Rhoshamandes. – Mas não consigo seguir em frente do jeito que tudo está! Preciso esclarecer a questão com eles! Eles devem me isentar totalmente de qualquer culpa, para que eu não seja açoitado e atormentado aonde quer que vá.

– É isso mesmo o que você quer?

– Não sou um guerreiro, Roland. Nunca fui. Se Amel não tivesse me seduzido, eu nunca teria acabado com a grande Maharet. Não tinha nenhuma desavença com ela! Não briguei com ela milênios atrás, quando fui sagrado guerreiro da rainha. Eu não me importava com o motivo pelo qual lutávamos. Tratei de me libertar assim que pude. Amel me seduziu, Roland. Ele me convenceu de que todos nós estávamos correndo perigo; e então tudo deu errado, o que tentei fazer. Agora o Príncipe me submete a julgamento, e Benedict me abandonou. E aonde quer que eu vá, sou destruído. Não tenho onde descansar, Roland.

– Vá procurá-los e converse com eles – disse Roland. – Se quisessem destruí-lo, já o teriam feito.

– Recebi ordens de me manter afastado – disse Rhoshamandes. – Minhas crias, em sua maioria, são leais a mim. Allesandra está agora debaixo de meu teto. Você não conheceu Allesandra. Ela me trouxe avisos explícitos deles. Mantenha distância! Os outros vão e voltam, com os mesmos avisos.

– Eles devem estar inquietos por sua causa, Rhosh – disse Roland.

– Por quê? Que mal posso lhes fazer?

– Eles têm medo de você.

– Mas não têm motivo.

Mais um silêncio caiu entre os dois.

– Odeio o Príncipe – disse Rhoshamandes, numa voz sombria. – Eu o odeio! Eu o destruiria se conseguisse arrancar Amel dele! E o queimaria até...

– É por isso que eles o temem – disse Roland. – Você é um inimigo que não consegue lhes perdoar a vitória. E sabem disso. Então, o que você quer mesmo?

– Já lhe disse. Uma audiência. Absolvição total. Quero que a ralé e a gentalha recebam ordens de não seguir meus passos e me amaldiçoar! Quero um fim para o temor de que algum antigo desgarrado me destrua com o fogo pelo que fiz!

Silêncio.

Vozes vagas, distantes, do bulevar lá em cima. Derek podia visualizar o local, como tinha feito mil vezes, os grandes cafés bem iluminados, cheios de mesas ocupadas, os carros passando sem parar.

– Nesta noite, quando entrei no teatro da ópera, eu sabia que você estaria lá – disse Rhoshamandes. – Não houve uma única vez que eu fosse à ópera em Budapeste que você não estivesse em algum lugar por perto. E Roland, senti medo de você!

– Não precisava – disse Roland. – Não me submeto a esse Príncipe. Por que haveria de me submeter? Você acha que sou o único que nunca admitiu nenhum desses acontecimentos? Pelo mundo afora, existem outros como eu. Nós não o desprezamos. Não o amamos. Queremos ser deixados em paz.

– Bem, agora eu sei, mas percebe como é viver com medo de que a qualquer instante você se depare com algum bebedor de sangue que não cumpra a ordem de proteção do Príncipe e provoque um combate? Detesto combates, Roland! Detesto. Ouça o que lhe digo, a grande Maharet estava pronta para morrer. Se não estivesse, eu nunca teria conseguido acabar com ela. Não tenho o que é necessário para matar outros bebedores de sangue. Nunca tive! E sem Benedict... sem Benedict...

– E você acha que, se lhe concedessem uma audiência, se ouvissem suas explicações, o convidassem para a corte, o aceitassem no círculo mais fechado, você acha que Benedict voltaria.

Ficou claro que isso significava tanto para aquele que se chamava Rhosh que ele nem mesmo respondeu.

– Escute, então, Rhosh – disse Roland. – Pode ser que eu tenha uma coisa que o ajude. Mas é um segredo, um segredo poderoso, e só o compartilharei com você se você fizer um voto solene. Dê-me esse voto de que nunca revelará o que pretendo compartilhar, e farei a revelação. Talvez seja algo que você e eu podemos oferecer ao Príncipe em troca de qualquer coisa que você queira. Tenho certeza de que esse Príncipe detém poder suficiente para

resolver toda essa situação para você. Parece que eles o adoram, os recém-criados. Ouvi dizer que afluem à sua corte, vindo da Europa inteira. Parece que todo o mundo dos mortos-vivos clama por seu amor.

– Ah, é claro, é verdade, mas quem manda são Gregory, Sevraine e Seth, além daquele desprezível Marius, aquele mentiroso, impostor, aquele romano hipócrita, cheio de segredos, que...

– Eu sei. Mas todos eles vão querer esse segredo. Em especial Seth e o médico que é sua cria, Fareed. E Seth é mais velho que você, Rhosh, e mais velho que a Grande Sevraine.

– Seth não é mais velho que Gregory – disse Rhosh.

– Como ele é? – perguntou Roland.

– Ninguém sabe ao certo, nem mesmo Fareed. Ele é filho da grande Akasha, disso não há dúvida. Dizem que ele não confia a ninguém seus pensamentos íntimos, alegando ser somente um curador, alegando só trazer para o Sangue outros curadores, para podermos ser estudados, compreendidos.

– Não gosto disso – disse Roland. – Nada de bom pode resultar desse estudo do Sangue. Mas é um motivo ainda maior para esse tal de Seth querer esse segredo.

– Do que você está falando? Que segredo é esse?

– Você jura solenemente que avaliaremos juntos esse segredo e que, se ele não for do seu interesse, você não trairá minha confiança?

– É claro que juro, Roland – disse o outro, deixando transparecer seus sentimentos. – Roland, no mundo inteiro... com exceção de minha Allesandra e minha Eleni... você é o único de nós que demonstrou me amar.

– Eu sempre o amei, Rhosh. Sempre – disse Roland. – Foi você que me afastou muito tempo atrás. Eu entendi. Nunca o culpei por isso. Mas outros também o amaram.

De Rhosh veio um som amargo de zombaria.

– Sério. Você sabe que foi amado – disse Roland. – Mas você jura?

– Juro.

– Então venha. Vou lhe mostrar a moeda de troca, como dizem.

Cadeiras arranharam o assoalho de madeira. Passos lá em cima; e, sim, sim, é claro, *sou eu a moeda de troca, como dizem!*

Derek ouviu as trancas serem abertas, o rangido das dobradiças e os passos menos ruidosos pela escada de pedra em caracol.

Cada vez mais perto.

– Que idade tem esse calabouço? – disse Rhosh, baixinho. – Ele é mais antigo até mesmo que minha casa à beira-mar.

– Ah, ele tem uma história. Assim como os séculos que vivi aqui antes que se construísse a cidade por cima. Uma noite dessas eu lhe conto tudo.

Eles tinham chegado à porta de Derek.

Derek voltou o rosto para a parede. Puxou o cobertor por cima do ombro e começou a chorar de novo, sem conseguir parar.

Uma tranca retirada, e depois mais uma. E o rangido de dobradiças que nunca eram lubrificadas.

Roland acendeu de repente a luz do teto – uma única lâmpada pequena e imunda, protegida por uma gaiola no teto de pedra.

– Ora, não é que essa cela até que é aconchegante? – disse Rhoshamandes.

– Seria muito mais aconchegante se ele se dispusesse a cooperar. Eu lhe forneceria luz, livros, comida, à vontade, o que pedisse. Ele poderia ter neste quarto os confortos da música, da televisão, do que lhe aprouvesse. Mas ele se recusa a cooperar. Recusa-se a contar o que sabe.

Como Derek odiava esse tom, sempre tão suave, tão cortês, como se sua intenção fosse dizer coisas gentis, mas coisas gentis nunca eram ditas. E ele odiava ainda mais o sorriso zombeteiro que o acompanhava. Não queria ver o sorriso. Manteve a mão direita grudada na cabeça.

Silêncio.

Derek sabia que estavam a poucos passos da sua cama.

– Ele não é humano! – disse Rhoshamandes, num sussurro.

– Certo. Não é mesmo.

Mais um silêncio em que o único som era o de Derek chorando.

– E não se deixe enganar pela aparência de jovem – disse Roland, agora endurecendo a voz, tornando-a cheia de raiva e frustração. – Ele parece tão inocente, eu sei, e quase enternecedor. Só um garoto. Mas não é nenhum garoto. E é tão teimoso quanto eu. Tenho a nítida impressão de que ele está na Terra há muito mais tempo do que você ou eu.

– E você acha que Seth e Fareed vão querer essa criatura.

– Se não quiserem, são uns tontos.

– Nunca vi nada parecido nem de longe com isso.

– É essa a questão. Eu também nunca vi. E eles também não. E se houver mais deles, se houver toda uma tribo deles em algum lugar, vivendo no nosso mundo...

– Estou entendendo.

Derek respirou fundo, mas não disse nada; e não fez nada para demonstrar que reconhecia a presença deles. Ele se encolheu mais no canto.

Tinha empurrado a cama para um canto. Impulso de mamíferos, teriam dito os Pais. Mas ele se sentia mais seguro, irracionalmente mais seguro, no seu canto, meio escondido debaixo do cobertor.

Mas o silêncio dos dois estava amedrontando Derek.

Ele limpou o nariz e olhou para cima, para Rhoshamandes, e o que viu o surpreendeu.

Outros bebedores de sangue tinham ido e vindo, lá em cima, mas os dois únicos que Derek havia conhecido eram Roland e Arion. E esse novo era extremamente diferente, mais duro, mais suave como um todo, com um rosto que parecia mármore vivo e olhos que penetravam em Derek como se pudessem queimá-lo. Sua pele era morena, como a pele de Roland era, mas isto era superficial, obtido por meio de uma exposição calculada ao sol para poderem passar por humanos com mais facilidade. A pele daquele ser tinha o mesmo cheiro que a pele de Roland: de sol e de tecido queimado, bem como de um leve perfume acrescentado.

O cabelo do bebedor de sangue era de um castanho-dourado, curto e ondulado. E seus trajes eram como os de Roland – trajes a rigor, com a camisa de um branco espantoso e lapelas pretas bruxuleantes no paletó, além de uma longa capa forrada de pele que caía até o chão. Um anel que era uma safira, outro que era um diamante, e mais um que era de ouro velho. Todos eles se consideram príncipes, príncipes da noite, e se vestem como tal. E bebem o sangue dos humanos como se estes fossem animais, como se eles próprios nunca tivessem sido humanos, e sem dúvida foram um dia. Alguma coisa os havia transformado no que eram agora. Ninguém faria criaturas como eles. Isso era impensável.

– Você não tem o direito de me manter aqui – disse Derek. Ele lambeu os lábios. Pegando o lenço debaixo do travesseiro, limpou o rosto. – Não importa o que eu seja, não importa o que você seja, você não tem esse direito!

Roland sorriu para Rhoshamandes, aquele sorriso frio e cruel que Derek tinha aprendido a detestar. Seus olhos cinzentos eram insensíveis e sagazes.

– Tem que haver outros como ele – disse Roland. – Mas ele se recusa a admitir isso. Ele se recusa a dar nomes. Não me diz quem ele é, o que é ou de onde vem. E, quando bebo dele, vejo o rosto de outros... uma mulher e três homens. Mas nomes, não ouço nomes, por mais que me aprofunde, e não obtenho respostas. Não consigo palavras. Quando eu o trouxe para cá, ele

tinha um endereço em Madri. Por meio dos meus advogados mantive o local sob vigilância por um ano inteiro. Não deu em nada. Por que não bebe dele?

– Beber dele! – sussurrou Rhoshamandes, continuando a olhar para Derek, como se houvesse alguma coisa horrível nele.

Bem, o que seria essa coisa? Derek tinha a forma exata de um ser humano, masculino, de dezoito a vinte anos de idade. Sua aparência fora feita de tal modo que ele fosse atraente para seres humanos. Ele teria penteado o cabelo se lhe houvessem dado um pente. Teria cortado o cabelo, se lhe tivessem dado uma tesoura. No fundo, não fazia a menor ideia da sua aparência agora, porque não tinha nenhum espelho.

Na verdade, não havia nada nessa cela de prisão além da cama, uma mesa ao lado, a estante de livros e uma pequena geladeira com comida pronta, insossa e desinteressante, que o saciava só um pouco quando ele se dispunha a consumi-la.

– Por que não experimenta? – perguntou Roland. – E beba quanto quiser. Como se estivesse bebendo de qualquer mortal. Beba tudo o que quiser.

– O que você está dizendo?

– Foi assim que eu o descobri – disse Roland. – Bebendo dele. Eu o tinha escolhido para minha vítima e só percebi o que ele era quando estava em meus braços. Arion também bebe dele. Arion bebeu muito dele. Quero que você beba dele, Rhosh. Acho que ficará muito surpreso quando beber.

– Por quê? Como? – O novo vampiro parecia exigente e quase luxento. Que dupla! E eu não sirvo para ser vítima desse monstro? Derek sorriu. Quase deu uma risada.

Por um instante, os olhos de Derek encontraram os de Rhoshamandes ou Rhosh. E a compaixão nos olhos azuis desse Rhosh deixou Derek perplexo. Mas então Rhosh desviou os olhos, baixando-os para a cama, depois para as paredes, para a mobília escassa – para qualquer lugar, mas não de volta para Derek, que continuava a olhar fixo para ele, em silêncio.

– Não se consegue matá-lo, Rhosh – disse Roland –, por mais que se beba. Pode beber o quanto quiser, estou falando sério. Beba como nunca bebeu de qualquer outra vítima. Você nunca sentirá a morte passar para você porque ele simplesmente não morre. Ele ficará imóvel, sem pulsação, sem respiração. Mas então o sangue começa a se regenerar e, dentro de uma hora ou duas, ele estará como está agora. Saudável, inteiro.

– Mas você não entende – disse Rhoshamandes, com um olhar penetrante.

– O que eu não entendo? – O outro deu de ombros.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Príncipe Lestat e Os Reinos De Atlânti..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).